

FREUD E A INTERPRETAÇÃO PSICANALÍTICA DO FENÔMENO RELIGIOSO *

João Carlos Nogueira **

A interpretação freudiana da religião figura, sem dúvida, no movimento global do ateísmo moderno, como um dos elementos mais importantes.

Freud é radical na sua crítica à religião. Transforma-a em mera ilusão produzida pela enormidade dos desejos infantis.

Neste artigo tentaremos acompanhá-lo nas marchas e contramarchas da hermenêutica que ele aciona para explicar a religião como expressão cultural. Começaremos pela hipótese de base, que busca interpretar o movimento geral da cultura a partir da teoria do inconsciente, para mostrar em seguida a interpretação do fenômeno religioso na linha da **ilusão**, com o conceito de Deus que lhe é inerente. Seguiremos, em suas grandes linhas, a progressiva evolução deste conceito desde o primeiro momento configurado pelo **pai** da horda primitiva, cuja figura é projetada num espaço totêmico, até o último constituído pelo Deus do monoteísmo. Veremos como todo este processo é comandado pelo desejo e sua estratégia íntima, girando ao redor de um eixo, o complexo de Édipo, visto não já em termos de uma peripécia estritamente individual mas alargado às dimensões da espécie. Concluiremos nossa exposição com uma reflexão crítica sobre os limites e as condições de validade da interpretação freudiana.

*O presente artigo retoma, com ligeiras modificações, o teor de uma palestra que proferimos recentemente no Instituto de Filosofia e Teologia da PUCC sobre o tema: "O Ateísmo da Psicanálise".

* **Doutor em filosofia; professor de filosofia nos cursos de graduação e pós-graduação da PUC de Campinas.

1. OS LAÇOS FAMILIARES COMO PROTÓTIPO DOS LIAMES SOCIAIS

A tese básica de Freud acerca das realidades sócio-culturais afirma ser os laços sociais que unem os homens nos grandes grupos, como a nação, as classes sociais, as comunidades religiosas, fundamentalmente iguais aos laços familiares. O que vale dizer: aquilo que nos vincula à estrutura familiar e lança as bases da sua coesão é o que, em última análise, determina também os liames de natureza social. Estes, bem como as atitudes que assumimos relativamente às instituições sociais e aos seus representantes, têm como **exemplar** as relações vividas na constelação familiar.

O processo que dirige a instauração dos vínculos e comportamentos sociais é o de **identificação**, um dos especificadores essenciais do processo geral de constituição da subjetividade humana. Falamos em **processo de identificação**, entendendo-o na sua ligação imediata ao complexo de Édipo, do qual é uma conseqüência direta e feliz. No entanto, para ser fecunda a identificação não pode ser ela uma imitação dos pais, como modelos sociais imediatos, nem cópia daquilo que, concretamente, eles são.

Na sua configuração básica o problema se põe em relação ao pai, figura central nesta vicissitude pela função simbólica que exerce como representante da **lei**, da primeira e grande lei traduzida na proibição do incesto, bem como das outras formuladas pela ordem sócio-cultural.

Somos, desta forma, levados a repetir, face à sociedade e às suas instituições, as relações que na infância mantínhamos face ao nosso pai. Em torno dele polarizam-se, de maneira privilegiada, os esquemas afetivos que nos permitem abrir caminho rumo à dialética social. De fato, o pai aparece como **modelo** de existência livre e realizada, apontando para um futuro que se propõe à criança como um caminho desejável. Abre-se assim, diante dela, o imenso espaço da civilização que aparece como "um conjunto organizado de **modelos**, apresentados como valores, cujo fim é resolver os conflitos entre a natureza individual e as exigências da vida social, assegurando a coesão da coletividade." (1)

O pano de fundo de todo o vasto movimento da cultura e da civilização é constituído pela exigência de renúncia à vida pulsional, cuja tendência imediata é transbordar com todo o ímpeto de uma energia vital desco-

(1) CHARRIER, J. P., *L'inconscient et la Psychanalyse*, Paris, PUF, 1 968, pág. 74.

nhecedora da **medida** e do **limite**. Claro está que manifestações desta natureza seriam profundamente destrutivas, comparáveis à fúria de uma enchente que inunda e arrasta tudo o que encontra em sua louca passagem.

A sociedade, no seu esforço civilizador, tem por tarefa conter, dentro de uma norma, esse descomedimento pulsional. Mas, ao mesmo tempo que reprime os instintos nocivos à ordem social, ela procura oferecer uma contrapartida compensatória aos indivíduos que se sujeitam à frustração instintiva.

O homem, ser de prazer e de desejo, na verdade não renuncia a nada de graça. A agressividade individual alimentada pelas frustrações poderia, a longo prazo, explodir e desmanchar a coesão do grupo. Logo, o trabalho mais urgente que se lhe impõe é o de canalizar as energias instintivas recalçadas para fins úteis à comunidade humana. A vida cultural se fundamenta na renúncia ao prazer ilimitado a que tende o desejo infantil.

Este, porém, não é um caminho autenticamente humano. O desejo, narcísico por natureza, precisa ser educado pela prova da realidade. Somente depois de ter aceitado a **dureza da vida** é que poderá assumir uma feição humana verdadeira.

Delinea-se, destarte, a grandiosa tarefa civilizadora, cuja responsabilidade incumbe ao homem tomar sobre si. É no interior das instituições — que encarnam concretamente os imperativos da civilização — que as energias libidinais em disponibilidade no homem podem encontrar uma aplicação adequada. A instituição que por primeira colhe o dinamismo dessas forças poderosas é a **religião**.

2. A RELIGIÃO COMO ILUSÃO E O PROBLEMA DE DEUS

Na investigação das fontes do fenômeno religioso Freud se detém no tema da **paternidade**, atributo fundamental que o homem confere àquele que reconhece como Deus. Ora, tem este tema duas vertentes principais: uma constituída pela idéia de Providência (Deus seria o Pai protetor que provê às necessidades dos seus filhos), e a outra pelo sentimento de culpabilidade proveniente do episódio edipiano.

O homem desprotegido diante do universo e acossado por impulsos primitivos, cuja natureza e exigências não é capaz de compreender e satisfazer de modo adequado, busca uma saída supra-humana para as suas

inquietações vitais. Transforma as forças naturais temidas em benévolas figuras divinas que têm a tríplice missão de “exorcizar os terrores da natureza, reconciliar os homens com a crueldade do Destino, particularmente a que é demonstrada na morte, e compensá-los pelos sofrimentos e privações que uma vida civilizada em comum lhes impôs.” (2) A passagem da dimensão horizontal, que constitui o terreno áspero e perigoso das relações intersubjetivas, para a dimensão vertical assinala a procura de uma felicidade ideal, subtraída aos vaivéns da sorte e à precariedade das situações individuais.

A religião vem justamente ao encontro desta tendência do homem em desamparo, angustiado perante a força avassaladora das pulsões e premido pelas repressões da sociedade. Ela promete a reconciliação entre **Eros** e **Anánke**, entre os princípios do prazer e da realidade. “No fundo do seu coração todo homem está revoltado contra a sociedade em virtude das restrições que ela fatalmente lhe impõe. Ela continua a estar a serviço do indivíduo; mas como ilude os seus desejos e as suas liberdades, vê-se obrigada a defender-se contra ele. Freud não acredita que a sociedade seja capaz de se reconciliar plenamente com o homem.” (3)

Porque a reconciliação total com a sociedade não é possível, nem mesmo pelo desenvolvimento do patrimônio espiritual proposto pela civilização, não resta ao homem senão a tentativa do caminho religioso. É o que ele faz, em derradeira instância, para compensar-se de todas as feridas abertas no frágil corpo do seu desejo. Sobretudo parece ser esta a única opção diante da inevitabilidade do sofrimento e da morte. Como escapar a destino tão implacável? Como conjurá-lo, torná-lo menos duro e mais suportável? Somente enternecendo-o através de uma transfiguração fantástica: tornando-o Providência, isto é, um Deus que exerce a respeito do homem a função de pai, velando por ele e não permitindo que se torne o juguete das forças impiedosas da natureza. Desta forma a própria morte não será mais simples extinção ou retorno à paz enorme e surda da matéria, “mas o começo de um novo tipo de existência que se acha no caminho da evolução para algo mais elevado. E, olhando na outra direção, essa visão anuncia que as mesmas leis morais que nossas civilizações estabeleceram, governam também o universo inteiro, com a única diferença de serem mantidas por uma corte suprema de justiça incomparavelmente mais poderosa e harmoniosa. Ao final, todo o bem é recompensado e todo o mal,

(2) FREUD, S., *O Futuro de uma Ilusão*, Rio, Imago Editora, 1974, trad. bras. de José Octavio de Aguiar Abreu, pág. 29.

(3) VERGOTE, A., *Psicanálise e Antropologia Filosófica*, III parte da obra coletiva intitulada *Psicanálise, Ciência do Homem*, Lisboa, trad. port., pág. 197.

punido, se não na realidade, sob esta forma de vida, pelo menos em existências posteriores que se iniciam após a morte. Assim, todos os terrores, sofrimentos e asperezas da vida estão destinados a se desfazer". (4)

Não é difícil perceber que toda esta fantasiosa criação é determinada pela componente narcísica, que o princípio de realidade não consegue jamais destruir dentro de nós e que constitui a matriz de todas as nossas utopias e ilusões.

Como construção dos desejos infantis a religião é uma espécie de neurose obsessiva da humanidade, cuja fonte está no complexo edipiano. (5)

Toda criança passa por um estágio neurótico deste tipo antes de entrar plenamente no fluxo da civilização. Mas é uma fase transitória que, ultrapassada com maior ou menor felicidade, possibilita-lhe o ingresso na ordem social. Com isto sacode naturalmente das costas a incômoda carga da obsessão.

A mesma coisa deverá ocorrer com a religião à medida que os homens forem crescendo no plano intelectual e científico. Então poderão repetir com o poeta Heine: "Deixemos o Céu aos anjos e aos pardais". (6) Nada há mais a esperar do além. Neste novo tempo **Anánke** — a necessidade — terá ensinado o homem enfrentar, de modo adulto, a tarefa de conquistar a terra e tornar menos dura a sua habitação sobre ela.

3. TOTEMISMO E MONOTEÍSMO: A GÊNESE DA ILUSÃO RELIGIOSA

A segunda vertente do conceito freudiano de Deus-Pai está representada no sentimento de culpabilidade ligado à figura paterna tal qual é vivida no drama edipiano. É o que vemos, por exemplo, no mito do assassinio do pai primitivo descrito por Freud em **Totem e Tabu**, cujo tema gravita ao redor do conceito de **reconciliação**.

Recordemos brevemente o episódio mítico. Os irmãos da horda primitiva, sobre a qual dominava, soberana e despótica, a figura do pai, rebelam-se contra a tirania deste e o matam. Sentindo-se, porém, culpados pelo ato criminoso estabelecem — a fito de expiação — uma ceia na qual se nutrem, em gesto ritual, da carne do pai morto.

(4) FREUD, S., op. cit., págs. 30 — 31.

(5) Cf. Id., pág. 57.

(6) Id., pág. 64.

A ceia totêmica, “talvez a primeira festa da humanidade”, é a comemoração do ato sangrento que coroa a revolta dos filhos. Deste ato procedem, segundo Freud, a organização social, as regras morais e a religião. (7)

Todavia, perpetrado o crime, os filhos não ousaram usurpar as prerrogativas do pai. Mais ainda: para evitar que a vida grupal se dissolvesse em lutas cruentas pela detenção do poder, concluíram um pacto de natureza social, estabelecendo ao mesmo tempo a proibição do incesto e a lei da exogamia (quer dizer, a prescrição de buscar fora do clã as mulheres para o casamento).

Nesta instituição o que é propriamente **religioso** está figurado no sentimento de culpabilidade. Daí por diante a religião será entendida como uma contínua tentativa de resolver o problema afetivo ocasionado pela morte violenta do pai e pelo sentimento de culpa nascido deste ato, com a conseqüente busca de reconciliação com o pai ultrajado. (8)

“Ancorada na culpabilidade — diz Vergote — esta religião é um rito de expiação e de apropriação, é a religião do Pai”. E prossegue: “a religião já não aparece como um simples momento da civilização: é tão originária como a própria civilização. Pertence à própria gênese da humanidade a título de obra **civilizadora**. Desta vez, a psicanálise já não ataca o sentido do sagrado ou a ingênua confiança do adulto infantil perante uma providência finalmente mais maternal que paterna. Debruça-se sobre a misteriosa **constituição do símbolo da Paternidade**”. (9)

Para Freud a religião já não implica só arrependimento, mas também “na comemoração dissimulada do triunfo sobre o pai” (Ricoeur), logo, numa rebelião dos filhos que se disfarça nos gestos cultuais.

O que há em todos estes acontecimentos é uma volta sempre renovada às **origens**, que se mostram indestrutíveis, como indestrutível é a lembrança do primeiro grande sacrifício realizado no alvorecer da história da humanidade. Tudo aí se prende ao arcaico e envolve as figuras dramáticas do pai e dos filhos rebeldes, do poder absoluto e da sua contestação.

Há, contudo, na fenomenologia religiosa um conceito da divindade que intriga particularmente Freud: é o conceito monoteísta, ou seja, o conceito de Deus **uno** e **único**, tal como se encontra afirmado primeiramente na

(7) Cf. Totem et Tabou, Paris, Payot, trad. fr., 1 947, pág. 196.

(8) Cf. Id., págs. 199 — 200. Veja-se também sobre este assunto o belo comentário de P. Ricoeur em De L'interprétation. Essai sur Freud, Paris, Ed. du Seuil, 1 965, pág. 237.

(9) Vergote, A., op. cit., págs. 201 — 202.

religião egípcia, depois no judaísmo e, posteriormente, também no cristianismo.

Freud pretende encontrar uma explicação satisfatória para a passagem da concepção totêmica à concepção monoteísta da divindade. **Moisés e o Monoteísmo** é a obra em que se dedica a este difícil trabalho.

Qual a origem das religiões monoteístas? A especulação freudiana tenta reconstituí-las a partir de uma hipótese simétrica à do totemismo: assim como o assassinato do pai primitivo origina as manifestações religiosas totêmicas, assim também um **assassinato** deve estar na raiz do monoteísmo.

O procedimento freudiano aqui é puramente analítico. Ele não está minimamente interessado, como ressalta Ricoeur, “pelo progresso do sentimento religioso. Nada lhe interessa na teologia de um Amós ou de um Oséias, de um Isaías ou de um Ezequiel, nem na teologia do Deuteronômio, nem na relação entre o profetismo e a tradição cultural e sacerdotal, entre o profetismo e o levitismo. A idéia da ‘volta do recalçado’ dispensou-o duma hermenêutica que deveria percorrer o circuito mais longo de uma **exegese dos textos** e o precipitou na via curta de uma **psicologia do crente** bloqueada, desde o início, no seu modelo neurótico”. (10)

O monoteísmo ético do povo judaico é encarado como um grandioso substituto do totemismo no plano representativo e afetivo que marca a repetição da história das origens sob forma patológica. A volta (neurótica) do recalçado (cena primitiva da morte do pai) está presente na história religiosa do povo judaico na pessoa de Moisés, o libertador. Morto pelo povo, o profeta e a sua doutrina ressurgem, despertando a culpabilidade e alimentando a lembrança do acontecimento traumático que o povo tentou esquecer sem, porém, o conseguir inteiramente.

A mesma coisa sucede com o cristianismo. A morte cruenta de Cristo é, de novo, uma repetição da história primeva e um reavivamento da sua memória.

Moisés é “uma destacada figura paterna”, o grande substituto do pai primitivo. Sua morte — afirma textualmente Freud — “torna-se assim parte indispensável de nossa construção, um vínculo importante entre o evento olvidado dos tempos primevos e seu surgimento posterior sob a forma de religiões monoteístas. É plausível conjecturar que o remorso pelo assassinato de

(10) op. cit., pág. 241.

Moisés forneceu o estímulo para a fantasia de desejo do Messias, que deveria retornar e conduzir seu povo à redenção e ao prometido domínio mundial. Se Moisés foi o primeiro Messias, o Cristo se tornou seu substituto e sucessor, e Paulo poderia exclamar para os povos, com certa justificação histórica: 'Olhai ! O Messias realmente veio: ele foi assassinado perante vossos olhos ! Além disso, também, existe um fragmento de verdade histórica na ressurreição de Cristo, pois ele foi o Moisés ressurrecto e, por trás deste, o pai primevo retornado da horda primitiva, transfigurado e, como o filho, colocado no lugar do pai.'" (11)

Não custa perceber que a especulação freudiana sobre a religião é, em todas as suas linhas, comandada pelo complexo paterno. A figura do pai é central aí. Sem ela não poderíamos compreender nem a grandiosidade da construção religiosa nem o seu papel civilizador. Foi por reconhecer a função paterna, na sua dimensão eminentemente simbólica, que os homens conseguiram romper os laços de uma vida puramente natural para entrar na gigantesca corrente da civilização e da história. O advento do reino do pai descerra-lhes os horizontes de uma vida adulta no seio das instituições sociais.

Entretanto esta função, por estar marcada pelo processo de identificação e polarizar em si os sentimentos ambíguos da criança sintetizados na agressividade e na ternura, no amor e no ódio, pode dar acesso a uma sublimação decididamente contaminada pelas projeções infantis.

Já no mito da horda primitiva o pai morto é alçado à dignidade de **criador** do mundo. De fato, como pai ele gerou os filhos e estes viram nele o **ideal**. Tendo-o morto, obrigaram-se a conservar **cerimonialmente** a lembrança da sua morte e expiar ritualmente o crime. (12)

O que aconteceu no princípio acaba repetindo-se na vida humana sujeita como se acha ao jogo contraditório das pulsões e ao peso das relações familiares. A figura do pai é sublimada e da sua projeção no universo imaginário do desejo surge a imagem de um Pai absoluto, Deus todo-poderoso. Mas os filhos podem rebelar-se contra ele, do mesmo modo como o fizeram os heróis mitológicos da Grécia tal, por exemplo, Prometeu. Nasce daí a idéia de **falta**, fonte da angústia e dos remorsos que tomam de assalto o homem religioso e levam-no a atos expiatórios por meio de sacrifícios rituais. Além disso, na medida em que se mantém fiel às ordens e proibições emanadas pelo Pai divino,

(11) Moisés e o Monoteísmo, Rio, Imago Ed., Pequena Coleção das obras de Freud, livro 10, 1 975, págs. 109 — 110.

(12) Cf. FREUD, S., *Essais de Psychanalyse*, Paris, Payot, 1 975, págs. 165 — 166.

o homem poderá atingir a meta de todos os seus sonhos no lugar da perfeita alegria chamado **paraíso**.

Todavia, isso tudo que compõe o conteúdo rico e variegado da religião nada mais é do que uma rematada ilusão, pois se reduz a uma projeção dos desejos do homem, prisioneiro da infância, que hipertrofia a imagem do pai alçando-a a uma dimensão infinita.

4. O PONTO DE VISTA ECONÔMICO NA EXPLICAÇÃO DO FENÔMENO RELIGIOSO

A religião é um fato cultural. Ora, a cultura só pode ser edificada pela renúncia aos instintos sexuais e agressivos, incompatíveis com a organização e a vida em sociedade.

Aqui está o núcleo da interpretação econômica da cultura em geral e do fenômeno religioso em particular. Este, que se apresenta sob a forma de sentimentos religiosos, está diretamente conexo com a situação de **miséria** do homem, pequeno e impotente diante das forças da natureza, da devastação da doença e da fatalidade da morte. Desamparado face à rudeza da vida e ainda malogrando na busca da felicidade, o homem é tomado da inadiável necessidade de consolação. A religião vem em sua ajuda e promete aliviá-lo deste peso enorme, recompensando-o pelos sacrifícios impostos à vida pulsional e aos seus desejos.

Notemos que esta situação é análoga à da fraqueza da infância. Sentindo-se qual criança desprotegida o homem apela à consolação paterna. Diante da dureza da vida forja os seus deuses à imagem e semelhança do pai. (13) O deus forjado pelo desejo há de ser como um pai que apazigua, consola, protege. É uma figura benévola, bem ajustada às exigências do desejo humano. O que acontece, então? Mais uma vez o desejo vai pôr em prática a sua estratégia. Personificando a divindade, vai possibilitar ao homem relacionar-se com ela no mesmo nível de amizade e ternura com que a criança se relaciona com o próprio pai. Pode-se ver, nesta manobra, claramente delineada “a ilusão narcísica de uma religião que tira a sua origem de uma confiança infantil que espera do Pai todo-poderoso a libertação da angústia e das privações existenciais”. (14) Premido pela natureza o homem se protege **magicamente** contra as forças destruidoras que dela dimanam.

(13) Cf. FREUD, S., O Futuro de uma Ilusão, pág. 36.

(14) VERGOTE, A., op. cit., pág. 206.

O fenômeno religioso resume-se, portanto, na projeção dos nossos desejos numa dimensão imaginária onde os satisfazemos através de construções puramente fictícias. Por isto é uma ilusão, cuja chave se acha no conceito de **dureza da vida**. (15) Todas as vezes que os homens, para suportar as dificuldades trazidas pela vida em comum e a penosa perspectiva da morte, se voltam para os mitos religiosos implorando o auxílio de um Deus consolador, estão regressando à vida infantil assinalada pela benevolência da figura paterna.

Seria o sentido exclusivo da religião o de repetir a infância? Freud o afirma sem a mínima hesitação.

A infância, porém, não é a meta do homem. Ele está destinado à existência adulta no interior de uma civilização da qual é responsável juntamente com os seus semelhantes. Ser-lhe-á por isto necessário deixar para trás a confiança infantil numa proteção divina para enfrentar o seu destino de adulto pelo uso racional dos meios que a ciência lhe põe nas mãos. Não que a ciência deva substituir a religião. Ela não recobre absolutamente o mesmo campo e nem é uma ilusão. Exatamente por esta razão poderá ajudar-nos na obra de construção da existência individual e coletiva, desde que saibamos solicitar-lhe o que está em condições de nos dar. Nisto parece o contrário da religião, que prometeu muito e no fim pôde oferecer muito pouco. Efetivamente, a felicidade com a qual, por séculos, manteve acesos os sonhos dos homens, não passou de vã esperança. Mas, apesar de todos os malogros, ela conseguiu prestar um relevante serviço à causa da civilização ao contribuir para a domesticação dos instintos sociais. (16) E este é um mérito que ninguém lhe pode tirar. No seu íntimo, contudo, continua a agir o elemento negativo que lhe rói as entranhas como um verme maligno: a nostalgia de um pai onipotente, apaziguador dos temores infantis que se apoderam do homem entregue à hostilidade das forças da natureza em si e fora de si. Eis o motivo por que ela é irremediavelmente ilusória. Ligada ao complexo paterno a religião é semelhante ao sonho, uma realização dissimulada dos nossos desejos arcaicos. E não é só isto. A mesma analogia pode ser estabelecida também com a neurose.

(15) Cf. FREUD, S., op. cit., cap. VI, pág. 43 e ss. — “La clé de l’illusion — diz Ricoeur — c’est la dureté de la vie, à peine supportable pour l’homme, pour cet homme qui non seulement comprend et ressent, mais que son narcissisme inné rend avide de consolation. Or la culture, on l’a vu, n’a pas seulement pour tâche de réduire le désir de l’homme, mais de déffendre l’homme contre la supériorité écrasante de la nature; l’illusion est cette autre méthode que la culture emploie quand la lutte effective contre les maux de l’existence n’a pas commencé, n’a pas encore réussi, ou a échoué provisoirement ou définitivement; alors elle crée les dieux pour exorciser la peur, réconcilier avec la cruauté du sort et compenser la souffrance de culture”. (Le Conflit des Interprétations, pág. 132, Ed. du Seuil, Paris, 1 969.)

(16) Cf. O Futuro de uma Ilusão, pág. 50.

Somos assim reconduzidos à tese enunciada em **O Futuro de uma Ilusão** e desenvolvida em **Moisés e o Monoteísmo**: a criança só perfaz com êxito o seu processo evolutivo para o estágio civilizado após passar por uma fase neurótica mais ou menos pronunciada. (17)

Freud vê uma profunda correlação entre a fase de latência da neurose humana e o período de latência que se pode descobrir na história da religião judaica, desde o assassinato de Moisés até o renascimento da religião mosaica no tempo dos profetas. (18)

Com esta analogia entre o campo da psicologia individual e o da psicologia coletiva a interpretação psicanalítica do fenômeno religioso toca o seu termo. Fica assim novamente afirmada a **perspectiva econômica** que a dirige. Decididamente a religião procede da “volta do recalçado” e revela de modo indiscutível a fonte que a alimenta: o arcaísmo dos nossos desejos e a reminiscência das origens.

5. REFLEXÕES CRÍTICAS

A interpretação freudiana da cultura e da religião obedece, como vimos, ao princípio da economia pulsional. O modelo econômico, que dá o tom e estabelece o clima da interpretação psicanalítica no campo religioso, traça-lhe também os limites e as condições de validade.

O problema religioso nascido da necessidade de consolação, que aperta o coração do homem nostálgico do pai, se constrói inteiro a partir da renúncia às pulsões. Gira, por conseguinte, em torno dos desejos “no seu movimento de investimento e de contra-investimento que constituem toda a substância da ilusão”. (19) Mas, justamente, porque comandada pelo ponto de vista econômico, a interpretação psicanalítica não é capaz de esgotar o sentido do fenômeno religioso. E quando falamos do sentido do fenômeno religioso queremos dizer que ele vai muito além daquilo que pode transparecer do jogo afetivo em cujo clima se desenrola. Afirmamos mais ainda: a atitude religiosa, como toda expressão autenticamente humana, enraíza-se nas vicissitudes que estruturaram a nossa experiência como **experiência humana** desde as primeiras vivências no interior da família. A libido, em expansão no indivíduo humano,

(17) Cf. op. cit., pág. 57

(18) Cf. *Moisés e o Monoteísmo*, págs. 84 – 112; Cf. RICOEUR, P., *De l'interprétation*, pág. 248.

(19) RICOEUR, P., *Le Conflit des Interprétations*, pág. 144.

constitui a matéria-prima das expressões do sujeito em todas as dimensões do seu ser, ética, estética ou religiosa. Quer isto dizer que todo o valor desses fenômenos só poderia advir das suas bases pulsionais? Freud o diz de modo claro a respeito da religião. Pretendeu compreendê-la integralmente partindo do modelo analítico e por isso acabou realizando, nos dados da história, uma grave e violenta desfiguração. (20) À psicanálise não compete pôr o problema do **fundamento último** de qualquer fenômeno cultural e, por conseguinte, também do fenômeno religioso. Tal questão lhe escapa definitivamente. O campo, aqui, é da competência da filosofia religiosa — da qual Freud descrê profundamente — e da teologia — que ele menospreza por seu enrijecimento dogmático.

A interpretação psicanalítica da religião se é válida nos limites da economia pulsional, que é o seu ponto de vista específico, não o é mais quando consideramos a religião no seu significado global. Deste não é o modelo econômico, com a explicação genética que lhe é tributária, que detém a explicação decisiva. É preciso, incontestavelmente, apelar para uma reflexão mais radical, capaz de mostrar a emergência de um novo valor, impossível de ser reduzido à **ordem genética** ou às lembranças ligadas ao modelo primitivo. O terreno, neste ponto, pertence de direito à filosofia e à teologia, cada uma operando no seu horizonte intencional próprio.

Não obstante, o ponto de vista freudiano contém um momento crítico altamente positivo para a religião.

A psicanálise do fenômeno religioso desmascara sem dó os elementos infantis que se insinuam em muitas atitudes religiosas. Torna-se, por isso, uma verdadeira arte de **desmistificação** da consciência religiosa presa dos encantamentos narcísicos a que a condenam nossos desejos mais antigos.

Mas consistiria a religião simplesmente em tais fabulações? A imagem de Deus que a acompanha seria a do mero consolador infantil, do tapaburacos, cuja única finalidade é preencher o vazio da carência fundamental que nos marca? Deus seria apenas esta figura autoritária e paternalista sempre a manter o homem na infância e a impedi-lo de assumir a sua liberdade e responsabilidade existenciais?

Freud estacou, na análise do conceito religioso de Deus, no momento negativo do símbolo paterno tal como surge do complexo de Édipo.

O pai representa e apresenta, sem dúvida a lei proibidora do incesto. Mas o momento interdutivo que implica a renúncia à fruição imediata do

(20) Cf. VERGOTE, A., op. cit., pág. 189.

prazer na relação dual, prepara o momento positivo que lhe é correlato. O pai é uma **figura** que abre, para o filho, a perspectiva de futuro, enquanto o reconhece, isto é, o valoriza em termos pessoais. Conseqüentemente deixa de ser para ele apenas o rival ou o senhor do poder sem limites, fantasiado pelo narcisismo infantil, para transformar-se, pelo reconhecimento da sua lei e pelo processo de identificação, no dínamo da caminhada que deve fazer rumo à vida adulta. Neste sentido, "o complexo de Édipo promete justamente esta desmitização de um pai tirânico e repressivo, como resolve a agressividade perante o pai, inspirada pelo desejo imaginário de tudo ter e de tudo ser no seu lugar. Neste momento do Édipo realizado, o diálogo de reconhecimento mútuo poderá instaurar-se entre o Pai e os filhos. Este diálogo será sempre marcado pelas estruturas edípicas: de revolta e de reconhecimento. Mas passando pela mediação da palavra, como o próprio tratamento analítico, abrirá progressivamente acesso ao consentimento explícito e recíproco entre dois indivíduos que se aceitam na sua autoridade verdadeira, para além de todas as projeções imaginárias, provenientes da vida impulsiva".

Freud é implacável crítico da consolação, matriz afetiva do sentimento religioso. Entende-a sempre na forma infantil, que diviniza os personagens protetores e os transforma em verdadeiros ídolos cujas imagens é preciso abater sem piedade. Todavia, acima desta consolação idolátrica, podemos reconhecer outra própria da existência adulta que, em vez de se perder nos devaneios de um paraíso imaginário, lança a vida humana na direção de um centro de amor abissal, onde o homem permuta a procura egocêntrica de proteção pela abertura a um diálogo vivo e pessoal. Dá-se nesse diálogo a proclamação duma paternidade supra-humana que o sujeito reconhece e aceita. Na aceitação, que configura o próprio ato de fé, há a troca de uma palavra que consuma a filiação e a reconciliação do homem com o Pai.

Foi esta dimensão da religião (referimo-nos particularmente ao cristianismo) que Freud não logrou captar. A religião cristã reconhece em Jesus Cristo não o substituto do Pai, mas o Filho, Palavra eterna do Pai, que se faz carne para revelar a paternidade divina e a nossa condição de filhos.

O racionalista pensador que, tomado de fervor romântico, fez do mítico Eros um poder de união e coesão no meio da multiplicidade das coisas, não percebeu que Eros "poderia ser outro nome de Deus" do qual fala S. João no seu evangelho e do qual, antes dele, falaram o livro bíblico do Deuteronomio e os profetas. (22)

(22) Cf. RICOEUR, P., De l'Interprétation, pág. 515. "Freud — diz o mesmo autor — me

São estes os pontos que nos pareceram essenciais numa crítica à interpretação freudiana do fenômeno religioso.

Na destruição sistemática que faz das infra e supra-estruturas da religião, Freud revela ao mesmo tempo a força e a fraqueza da sua concepção. A força está em ter mostrado as estruturas inconscientes que jazem no fundo das manifestações religiosas e que podem absorvê-las no egocentrismo de uma religiosidade meramente infantil. A fraqueza está no próprio princípio analítico orientador da sua hermenêutica. O prisma econômico impede-o de ser exaustivo como desejava. E, no fim das contas, a mesma arma da **redução**, usada contra os excessos da consciência religiosa, pode ser utilizada contra o desmedido de sua própria pretensão. Neste ponto é preciso desmistificar o desmistificador e por sob suspeita o mestre da suspeição. Não, porém, sem antes render-lhe tributo do inestimável serviço prestado, em matéria religiosa, à causa da lucidez contra as ciladas da ilusão.

paraît exclure sans raison, je veux dire sans raison psychanalytique, la possibilité que la foi soit une participation à la source d'Eros et qu'ainsi elle concerne, non la consolation de l'enfant en nous, mais la puissance d'aimer, que la foi vise à rendre adulte cette puissance, face à la haine en nous et hors de nous — face à la mort. Or, ce qui seul peut échapper à la critique de Freud, c'est la foi comme kérygme de l'amour: 'Dieu a tant aimé le monde...'; mais sa critique peut m'aider en retour à discerner ce qu'exclut ce kérygme de l'amour: une christologie pénale et un Dieu moral, — et ce qu'il implique: une certaine coïncidence du Dieu tragique de Job et du Dieu lyrique de Jean". (Id., pág. 515).